



NO SÓTÃO DE GREEN GABLES

– Graças a Deus, não tenho mais que aprender ou ensinar geometria – disse Anne Shirley, com uma sutil expressão vingativa, jogando um volume surrado de Euclides¹ em um grande baú de livros. Ela então bateu a tampa triunfantemente, sentou-se em cima dela e encarou Diana Wright do outro lado do quarto do sótão de Green Gables, com os olhos acinzentados como o céu matinal.

O quartinho do sótão era um lugar fresco, sugestivo e aconchegante, como todos deveriam ser. Pela janela próxima à Anne entrava a brisa doce, quente e perfumada das tardes de agosto; lá fora, os ramos de álamos farfalhavam ao vento; para além deles estavam o bosque, que abrigava a encantada Travessa dos Amantes, e o velho pomar, que ainda ostentava seus frutos róseos de maneira sublime. E, ao Sul, havia uma grande cadeia de montanhas de nuvens brancas no céu anil. Através da outra janela podia-se vislumbrar o distante mar azul de cristas prateadas: o belo golfo de São Lourenço, no qual flutua, como uma joia, Abegweit, cujo nome indiano e mais singelo foi há muito esquecido em prol do título mais prosaico de Ilha do Príncipe Edward².

1 Euclides de Alexandria, mestre, escritor de origem provavelmente grega, matemático da escola platônica e conhecido como o Pai da Geometria. (N. E.)

2 Os primeiros residentes da Ilha do Príncipe Edward (Canadá) foram os *Mi'kmaq*, povo que viveu na ilha cerca de dois mil anos atrás. Estes chamaram a ilha de 'Epekwitk', que significa "descansando nas ondas". Os colonos europeus pronunciavam o nome como 'Abegweit'. (N. E.)

Diana Wright, três anos mais velha do que da última vez em que a vimos, havia ganhado ares matronais. Todavia, seus olhos ainda eram tão negros e brilhantes, suas bochechas tão rosadas e suas covinhas tão charmosas como nos dias de outrora em que Anne Shirley e ela juraram amizade eterna no jardim de Orchard Slope. Nos braços, Diana segurava uma criaturinha dorminhoca de cachos pretos, que há dois anos felizes era conhecida pelo mundo de Avonlea como a “Pequena Anne Cordelia”. Todos sabiam de onde ela tirara o nome Anne, obviamente, mas “Cordelia” os intrigava. Nunca houve uma Cordelia nas famílias Wright e Barry. A senhora Harmon Andrews achava que ela tinha tirado o nome de algum romance barato e se perguntava por que Fred não a impedira. Diana e Anne sorriram uma para a outra. Elas sabiam como a Pequena Cordelia ganhara esse nome.

– Você sempre detestou geometria – recordou Diana, com um sorriso.

– Imagino que também esteja contente por não ter mais que lecionar.

– Ah, sempre gostei de ensinar, com exceção de geometria. Esses últimos três anos em Summerside foram muito bons. Quando voltei para cá, a senhora Harmon Andrews me disse que com certeza eu não acharia a vida de casada muito melhor do que ensinar, como eu esperava. Evidentemente, ela é da mesma opinião de Hamlet: é melhor aceitar os males conhecidos do que buscar refúgio em outros ainda desconhecidos³.

A risada de Anne, alegre e irresistível como sempre fora, com um tom adicional de doçura e maturidade, ecoou pelo sótão. Marilla preparava compotas de ameixa na cozinha logo abaixo quando a ouviu e sorriu. Em seguida, ela suspirou ao pensar que ouviria muito pouco aquela risada querida ecoar por Green Gables nos próximos anos. Nada na vida jamais lhe proporcionara maior felicidade como a notícia de que Anne iria se casar com Gilbert Blythe; contudo, cada alegria traz consigo a sombra de um pesar. Durante os três anos em que morara em Summerside, Anne viera com frequência passar as férias e os fins de semana. Só que, agora, apenas duas visitas por ano se podia esperar.

³ Referência à peça *Hamlet* (ato III, cena I), do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616). (N. T.)

– Não dê importância para o que diz a senhora Harmon – disse Diana, com a confiança serena de quem está casada há quatro anos. – A vida conjugal tem seus altos e baixos, é claro. Não espere tudo ser sempre um mar de rosas. Mas posso garantir, Anne: é uma vida feliz quando se está com o homem certo.

Anne refreou um sorriso. A vasta experiência com a qual Diana sempre falava a divertia. “Agirei da mesma forma depois de quatro anos de casada, eu suponho”, pensou Anne. “Só espero que o meu senso de humor me salve.”

– Já decidiram onde vão morar? – perguntou Diana, acalentando a Pequena Anne Cordelia com um gesto maternal inimitável que causava no coração de Anne, repleto de sonhos e esperanças intocados, um misto de prazer puro e uma dor estranha, etérea.

– Sim, é isso que eu queria lhe dizer quando telefonei para vir aqui hoje. Aliás, mal posso acreditar que agora temos telefones em Avonlea. Soa tão ridiculamente avançado e moderno para este lugar velho, tranquilo e adorável.

– Foi graças à Sociedade de Melhorias de Avonlea (SMA) – disse Diana. – Não teríamos conseguido a linha se os membros não tivessem insistido no assunto. Palavras de desencorajamento não faltaram. Mas eles não desistiram. Você fez algo esplêndido por Avonlea quando fundou a sociedade, Anne. Como nos divertíamos nas reuniões! Nunca me esquecerei do salão azul e dos planos do Judson Parker de pintar anúncios de medicamentos nas cercas dele.

– Não sei se sou grata à SMA pelo telefone – disse Anne. – Ah, admito ser muito conveniente, muito mais do que nosso antigo sistema de chamarmos uma à outra com luz de velas! E, como a senhora Lynde diz, “Avonlea deve seguir o ritmo da procissão, é isso o que é”. De alguma forma, porém, não gostaria de ver o vilarejo arruinado pelo que o senhor Harrison chama de “inconveniências modernas”, quando quer bancar o espertinho. Gostaria de mantê-lo como sempre foi nos bons e velhos tempos. Isso é tolice, sentimentalismo. Então, devo, imediatamente, começar a ser o mais sensata e prática possível. O telefone, como o senhor Harrison reconhece, é “uma coisa estupenda”, mesmo sabendo que meia dúzia de pessoas estão ouvindo na linha, provavelmente.

– É a pior parte – suspirou Diana. – É tão irritante ouvir o barulho do gancho quando ligamos para alguém... Dizem que a senhora Harmon mandou instalar o telefone na cozinha para poder ouvir sempre as chamadas sem ter de tirar o olho do jantar. Hoje, quando você me ligou, pude ouvir distintamente o relógio dos Pyes. Com certeza, Josie ou Gertie estavam ouvindo.

– Ah, então, por isso você disse: “tem um relógio novo em Green Gables?”. Eu não fazia ideia do que estava falando. Ouvi um clique apressado em seguida. Suponho ter sido na casa dos Pyes. Bem, deixe-os para lá. Como a senhora Rachel diz: “os Pyes sempre foram e sempre serão os Pyes enquanto o mundo for o mundo, amém”. Agora quero falar de coisas agradáveis. Já decidimos onde será o nosso lar.

– Ah, Anne, onde? Espero que seja perto daqui.

– Não, essa é a desvantagem. O Gilbert vai atender em Four Winds Harbor, a cem quilômetros daqui.

– Cem! Poderia ser cem mil – lamentou Diana. – O mais longe de casa que posso ir agora é até Charlottetown.

– Você tem de nos visitar em Four Winds. É o porto mais lindo da Ilha. Existe um vilarejo em seu extremo chamado Glen St. Mary, onde o doutor David Blythe, tio-avô de Gilbert, pratica medicina há cinquenta anos. Ele vai se aposentar, e Gilbert vai assumir seu posto. Só que o doutor Blythe vai continuar morando na casa, então nós teremos que encontrar outro lugar. Ainda não sei como será nem onde fica, mas tenho uma casinha dos sonhos toda mobiliada em minha imaginação: um pequeno e adorável castelo na Espanha.

– Para onde vocês vão na lua de mel? – perguntou Diana.

– Lugar nenhum. Não faça essa cara de espanto, querida Diana. Você fica parecendo a senhora Harmon Andrews. Sem dúvida, ela comentará em tom condescendente que pessoas sem condições de bancar uma lua de mel são prudentes em não viajar; então ela contará mais uma vez que Jane foi para a Europa por causa dela. Eu quero passar a *minha* em Four Winds, na minha própria casa dos sonhos.

– E você decidiu não ter madrinhas?

– Não sobrou mais ninguém. Você, Phil e Priscilla me deixaram para trás no quesito matrimônio; e a Stella está lecionando em Vancouver. Não tenho mais nenhuma “irmã de alma” e não quero mais ninguém como madrinha.

– Mas você vai usar um véu, não vai? – indagou Diana, ansiosa.

– É óbvio. Não me sentiria uma noiva sem um. Lembro-me de dizer a Matthew, naquela tarde, quando ele me trouxe para Green Gables, que eu nunca tive expectativas em ser uma noiva, pois eu era tão feia e ninguém jamais iria querer casar comigo... Talvez algum missionário estrangeiro quisesse. Eu pensava que os missionários estrangeiros não poderiam ser exigentes com beleza se quisessem uma garota para arriscar a própria vida entre os canibais. Você deveria conhecer o missionário com quem Priscilla se casou. É tão lindo e misterioso como aqueles galãs com quem fantasiávamos em nos casar; é o homem mais bem-vestido que já vi na vida e venera a “beleza etérea e dourada” de Priscilla. Mas, é claro, não há canibais no Japão.

– Seu vestido de noiva é um sonho – suspirou Diana, deslumbrada.

– Você parece uma verdadeira rainha nele, sendo tão alta e esguia. Como você mantém a boa forma, Anne? Estou mais gorda do que nunca e logo não terei mais cintura.

– As mulheres parecem predestinadas a serem robustas ou magras – disse Anne. – Pelo menos a senhora Harmon Andrews não vai lhe dizer o mesmo que disse para mim quando voltei de Summerside: “Bem, Anne, você continua magrela como sempre”. Parece muito romântico ser “esguia”, mas “magricela” é outra história.

– A senhora Harmon tem falado do seu enxoval. Ela admite ser tão belo quanto o de Jane, embora tenha dito que Jane se casou com um milionário e você esteja se casando com um “jovem médico sem um tostão”.

Anne riu.

– Meus vestidos são lindos. Eu amo coisas bonitas. Lembro-me do meu primeiro vestido bonito; era um marrom de seda, dado por

LUCY MAUD MONTGOMERY

Matthew para eu ir ao recital da escola. Antes disso, tudo que eu tinha era feio. Foi como se eu tivesse adentrado outro mundo naquela noite.

– Foi a noite em que Gilbert recitou o poema *Bingen on the Rhine* e olhou para você durante o trecho “há outra, e *não* é uma irmã”. E você ficou furiosa porque ele colocou sua rosa de papel no bolso do casaco! Você nem sequer imaginava que iria se casar com ele.

– Ah, bem, é outro exemplo de predestinação – riu Anne, enquanto desciam as escadas.



A CASA DOS SONHOS

Em toda a sua história, nunca houve tanta animação em Green Gables. Até Marilla estava tão empolgada que não conseguia disfarçar – e isto era um tanto extraordinário.

– Nunca celebramos um casamento nesta casa – ela disse para a senhora Rachel Lynde, como se estivesse se desculpando. – Quando eu era criança, ouvi um velho ministro da igreja dizer que uma casa só era um lar depois de ser consagrada por um nascimento, um casamento e uma morte. Já ocorreram mortes aqui: meu pai, minha mãe e o Matthew faleceram nesta casa. E também um nascimento. Muito tempo atrás, logo após nos mudarmos para cá, tivemos um empregado por pouco tempo cuja esposa deu à luz aqui. Mas nunca houve um casamento. É tão estranho pensar em Anne se casando. De certa forma, ela ainda é a garotinha trazida por Matthew há catorze anos. Ainda não me dei conta de que ela cresceu. Nunca vou me esquecer de como me senti quando vi Matthew trazendo uma *garota*. Pergunto-me o que aconteceu com o garoto, o qual teríamos adotado se não tivesse acontecido um engano. Pergunto-me qual foi o destino dele.

– Bem, foi um feliz engano – disse a senhora Rachel Lynde. – Houve uma época em que eu não pensava assim, como na noite em que viemos conhecê-la e ela aprontou aquela cena. Muitas coisas mudaram desde então, é isso o que é.